

"Investimentos de longo prazo dependem da oferta de crédito"

por Thales Guaracy
de São Paulo

O presidente do Sindicato Interestadual das Indústrias de Máquinas e Equipamentos (Sindimaq), Walter Sacca, afirmou que 70% das 5 mil indústrias do setor já estão investindo com capital próprio, acumulado durante o período anterior à reforma econômica do governo. Os investimentos a longo prazo, porém, dependerão de maior disponibilidade de crédito para financiamento, da retomada dos investimentos públicos e da busca de alternativas para a escassez de mão-de-obra qualificada.

"Os investimentos estão concentrados a médio e curto prazo", disse Sacca. "A decisão de investir já foi tomada, porque depende apenas do crescimento do mercado. Mas ainda não há fórmulas de financiamento de investimentos como deseja o governo a longo prazo. Quem tem capital investe, quem não tem lança ações, ou está procurando associação com outras empresas."

De acordo com Sacca, o

governo só poderá criar recursos para financiar a expansão da indústria brasileira através da renegociação da dívida externa, "diminuindo a remessa de divisas para o exterior".

"O governo precisa criar condições imediatas para os investimentos a longo prazo, mas reconhecemos que ainda não houve tempo para isso", disse o vice-presidente da General Motors do Brasil, Clifford Vaughan. O congelamento de preços, para ele, não é a única justificativa para que as grandes montadoras de automóveis não tenham iniciado investimentos de grande porte, apesar do crescimento dos mercados interno e externo.

"Não existe cheque da General Motors dos Estados Unidos", afirmou. "Temos de investir com recursos próprios e com financiamentos dos bancos, mas isso só pode ser feito quando for definida uma política de investimentos." Além de um programa de importação de máquinas e equipamentos, é necessária uma política diferenciada de juros para os investimentos na produção. "Fi-



Clifford Vaughan

xar os juros é uma possibilidade", afirmou.

De acordo com Sacca, a escassez de mão-de-obra também inibe os investimentos. Por essa razão, ele acredita que devem ser acelerados os programas de treinamento das indústrias, mas o maior canal de aumento da produção deverá ser o da racionalização das operações, "através da compra de máquinas".

De acordo com Sacca, o papel dos investimentos públicos será menos rele-

vante para o setor privado do que nos últimos anos, porque a indústria de bens de capital hoje é mais diversificada e desenvolvida. Entretanto, o setor público ainda representa uma grande parcela do mercado, e o governo deve definir em breve sua própria política de investimentos. Em alguns setores, a participação do setor público é mais necessária: o elétrico, de comunicações e transportes. "O que desejamos saber é como o governo poderá manter investimentos nesse setor, com o congelamento das tarifas públicas, aliado à preocupação com a situação do déficit público."

Sacca lembrou que na sexta-feira o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Luis Eulalio de Bueno Vidigal Filho, levará ao governo, em Brasília, uma proposta de emergência para a retomada de investimentos, como a importação de máquinas e equipamentos, nos setores em que as vendas da indústria nacional estão estranguladas, como no caso do setor têxtil.